

vitables ausencias de la bibliografía inicial, debidas no a descuido o indiferencia por parte del autor, sino a desconocimiento de las mismas, porque, como sabemos bien quienes a esto nos dedicamos, muchas veces Revistas y obras suelen aparecer con bastante retraso o suelen tardar años en ser conocidas suficientemente.

El Suplemento que ahora nos llega pretende ser, como la Bibliografía primera, una guía de referencia indispensable para todos aquellos estudiosos de la obra, pensamiento e influencia de Avicena. Mantiene la misma división que la obra inicial, es decir, diecisiete capítulos en los que se agrupan todas las publicaciones realizadas sobre Avicena: obras, ediciones y traducciones, bibliografía; biografía; obras colectivas; estudios generales sobre la filosofía aviceniense; lógica, noética y división de las ciencias; lingüística, terminología y poesía; psicología y pedagogía; política y ética; metafísica; temas religiosos y mística; fuentes griegas; relación con otros pensadores árabes; influencia sobre el occidente latino, el pensamiento judío y el pensamiento sirio; ciencias; medicina; y, finalmente, varia. La obra se completa con un índice de autores antiguos y otro de autores contemporáneos.

Pero si ya representa un ímprobo esfuerzo clasificar bajo estos encabezamientos todos y cada uno de los seiscientos trece títulos de que consta esta bibliografía, la excelencia de este esfuerzo se encuentra en el breve, pero preciso y muy útil, comentario que acompaña a cada título, en el que el Prof. Janssens describe el contenido de cada publicación, añadiéndole algunas observaciones críticas.

Hay que felicitar al autor de este minucioso trabajo que, como su anterior bibliografía, es de un valor incalculable para todos aquellos que nos consagramos al estudio del pensamiento del gran filósofo islámico, al ser instrumento necesario con el que contar para futuras investigaciones sobre Avicena.

R. RAMÓN GUERRERO

*Oeuvres philosophiques et scientifiques d'al-Kindi. Vol. II: Métaphysique et Cosmologie*, par Roshdi Rashed et Jean Jolivet, Leiden, J. Brill, 1998, XIII + 243 pp.

É conveniente destacar que a filosofia de al-Kindí foi um importantíssimo início para a filosofia árabe medieval. Este filósofo que foi um grande admirador e estudioso da filosofia grega, influenciou filósofos como Avicena, bem como pensadores neoplatônicos. Apenas para citar um exemplo: Veja nesta obra a epístola sobre “a prostração do corpo extremo e sua obediência a Deus” e o capítulo XXXIX e seguintes do Tratado I da obra *Al-Mabda' wa-l-Ma'ad* (A Origem e o Retorno) de Avicena.<sup>1</sup>

A tradução é de excelente qualidade e rigor linguístico. Os tradutores passam as idéias do autor com muita precisão e clareza. Com relação ao conteúdo, a obra apresenta em seu capítulo I o conceito de filosofia, conceitos sobre a causa primeira e sobre a verdade das coisas. O cap. II versa sobre o gênero em relação à espécie; a respeito do movimento e do tempo; sobre o pleno e o vazio e sobre o eterno no sentido que este não é corruptível. O cap. III fala da subsistência de um substância; sobre a pluralidade e a unidade e sobre a unidade da causa primeira. O cap. IV versa sobre alguns predicamentos: o grande, o pequeno, o longo, o curto, o muito, o pouco, no sentido que só podem ser ditos a respeito de alguma coisa de modo relativo, expõe também alguns atributos do uno e a sua não multiplicidade, há uma epístola sobre a unicidade de Deus e finitude do corpo do mundo, outra sobre a quididade do que não pode ser infinito e sobre o que é infinito. Epístola sobre a finitude do corpo do mundo abordando o conceito de “grandeza” homogênea, como o comprimento, a superfície e o volume. Os argumentos aqui são no sentido de concluir que o corpo do universo é finito. Há uma epístola sobre o Agente Verdadeiro que é primeiro e perfeito e, também, sobre o agente imperfeito, argumentando que o Agente Verdadeiro é o Criador. Há uma epístola sobre a prostração dos corpo extremo e sua obediência a Deus. Nesta epístola, al-Kindí faz uma referência à surata, 55, versículo 6 do Alcorão, para expli-

1 Há uma tradução do tratado I para o português, com o título de “A Origem e o Retorno”, editado pela EDIPUCRS, Porto Alegre, Brasil, 1999.

car o verdadeiro significado da prostração por parte das estrelas e das árvores e de um muçulmano no ritual da oração, diante de Deus.

Capítulo I – Basicamente, este capítulo apresenta o conceito de filosofia e de causa primeira. Para al-Kindî, a filosofia é “o conhecimento das coisas através de suas verdades segundo a possibilidade do ser humano”. A filosofia “mais nobre e hierarquicamente superior é a filosofia primeira”, que também, ele chama de verdade primeira, a qual é a causa de toda verdade. O filósofo completo e o homem mais nobre é o possuidor deste conhecimento. Dito isto, ele expõe os seguintes elementos, ainda neste capítulo: o conhecimento da causa é mais nobre do que o conhecimento do causado. Se temos conhecimento de sua matéria, de sua forma e de sua causa final, então conhecemos sua definição. Ele conclui que a verdade de todo definidos está em sua definição. Al-Kindî faz elogios aos filósofos que o antecederam e refletiram sobre este tema e cita especificamente Aristóteles, “o mais eminente dos gregos”. Outra abordagem importante: no conhecimento das coisas através do conhecimento de suas verdades se dá o conhecimento da soberania da unicidade de Deus, da virtude, etc. Os Mensageiros (Os Profetas) verídicos vieram para reconhecer a soberania de Deus. Al-Kindî critica e chama de infelizes os que não querem conhecer as coisas através de suas verdades, pois, por este caminho conhece-se a soberania e unicidade de Deus.

Capítulo II – Aqui al-Kindî afirma que o ser humano tem duas existências: uma delas é a percepção, comum a todos os animais. Afirma que toda percepção sempre pertence a um corpo e é percebida por um corpo. A outra percepção é a intelectual. Portanto, tem-se duas percepções: a sensível e a intelectual. As coisas são particulares e universais. Universais: quer dizer gênero em relação à espécie. Particular: os indivíduos em relação à espécie. Os indivíduos particulares materiais possuem percepção, a espécie e o gênero não possuem percepção mas estão sob uma potência de uma alma completa, isto é, a alma humana, que nós chamamos intelecto humano. Em seguida, fala sobre o pleno e o vazio. Afirma: não há pleno além do corpo universal porque não há corpo além dele, nem há vazio além dele. Ele não tem imagem na alma, é necessariamente uma percepção intelectual. Outra afirmação: a natureza é causa primeira de todo motor em repouso. O conhecimento das coisas naturais é a ciência de tudo que se move. A causa do que se move é imóvel, então o que está além das coisas naturais não se move. Fica claro que a ciência daquilo que está além das coisas naturais é a ciência do que não se move. Noção de eterno: o eterno não tem causa, não tem substrato (sujeito), nem acidente, nem agente nem causa. O eterno não tem gênero porque se tiver gênero, então, ele é espécie, pois, a espécie é composta pelo seu próprio gênero e de outro. O eterno não é corruptível, porque o corruptível tem gênero e o eterno não tem gênero. Seria contradição admitir-lhe gênero. Por isto não é possível que o eterno seja corruptível. O eterno não tem imperfeição e nem muda para algo mais nobre, ele necessariamente é perfeito. O que é infinito encontra-se em potência, como o tempo e o movimento. Não é possível que um tempo em ato seja infinito. O tempo é o tempo do corpo do universo “quero dizer”, afirma al-Kindî, sua extensão. Se houver movimento, haverá tempo, se não houver movimento, não haverá tempo. O movimento é apenas movimento de um corpo. Se houver corpo haverá movimento, caso contrário, não haverá. Não há tempo infinito; não é possível haver uma quantidade infinita em ato. O tempo é finito em ato. O tempo e o movimento não precedem um ao outro; estão juntos na existência.

Cap. III – Este capítulo inicia com a seguinte afirmação: todo vocábulo tem uma noção. O que tem noção exige investigação. E continua: a filosofia se dedica apenas àquilo que exige investigação. Toda noção ou é universal ou é particular. A filosofia não tem interesse pelo particular porque as coisas particulares não são finitas. A filosofia se dedica às coisas que podem ser conhecidas através de suas verdades, por isto se dedica às coisas universais finitas, por conhecer suas verdades. Al-Kindî afirma que o essencial é o que faz subsistir a essência de uma coisa e o faz permanecer. Exemplo: a vida é essencial no ser vivo. O essencial chama-se substancial porque por intermédio dele subsiste a substância de uma coisa. O substancial: pode ser plural ou individual. Plural – incide sobre muitas coisas; dá a cada coisa a sua definição e o seu nome e as une por isto. A isto dá-se o nome de forma. O substancial que diferencia a definição entre as coisas como, por exemplo, que diferencia o racional de outros, chama-se diferença. O que advém à uma substância, está numa só coisa, pertence somente a ela, como por exemplo o riso no homem e o grunido do asno, chama-se próprio porque pertence à uma só coisa. O que está em muitas coisas, como a brancura do papel e do algodão, chama-se acidente comum. Por isto, todo vocábulo tem uma noção, seja gênero, forma, indivíduo, a diferença, o próprio ou acidente comum. Al-Kindî alude à relação entre a pluralidade e a unidade, afirmando que não é possível que haja

pluralidade sem unidade. Não é possível que as coisas sejam pluralidade sem a unidade, nem a unidade sem a pluralidade. A associação da unidade e da multiplicidade não se dá através das suas essências. A causa de sua associação é mais nobre e mais elevada do que elas e anterior a elas. A causa primeira não é múltipla nem unidade e multiplicidade. Resta que a causa é uma, não há multiplicidade que a acompanhe.

Cap. IV - Neste capítulo al-Kindî expõe sobre a unidade existente nos predicamentos. De início afirma que o grande e o pequeno, o longo e o curto, o muito e o pouco, não são ditos a respeito de alguma coisa de modo absoluto, mas relativamente. O grande é dito assim, em relação à alguma coisa menor e o menor em relação à alguma coisa maior. Quanto ao longo e ao curto, são ditos de toda quantidade contínua, são próprios desta, não são ditos de outras quantidades. Quanto ao pouco e ao muito, são próprios da quantidade descontínua e o que advém ao muito, advém ao grande, ao pequeno, ao longo e ao curto: não são ditos de modo absoluto mas de modo relativo. Em seguida al-Kindî faz uma longa exposição sobre o uno., afirmando que não é uno por equivocidade e sim por natureza. O um é o número de um nome, não é absolutamente nome. O um (a unidade), de modo absoluto não tem gênero nem é suscetível à relação com qualquer coisa (do mesmo gênero). O um verdadeiro é eterno, não se multiplica sob qualquer aspecto, nem é movimento, nem é alma, nem é intelecto. O Uno verdadeiro não é um dos inteligíveis, ou seja: não é matéria, não é gênero, não é espécie, não é indivíduo, não é diferença, não é próprio, não é acidente comum, não é movimento, não é alma, não é intelecto, não é universal, não é parte, não é conjunto, não é porção, não é uno em relação à outro mas, é Uno absoluto, não aceita a multiplicidade. O uno verdadeiro não tem matéria, não tem forma, não tem quantidade, nem qualidade, não tem relação, não tem gênero, não tem diferença, não é indivíduo. Ele é unidade absoluta. Qualquer outro uno é múltiplo. Então, a unidade é um acidente em todas as coisas, é diferente do uno verdadeiro. O uno verdadeiro é Uno por sua essência, não se multiplica sob nenhum aspecto. O Uno verdadeiro é o primeiro, é o Criador, é o que mantém todo criado.

*Epístola sobre a unicidade de Deus e finitude do corpo do mundo* – Não é possível haver um corpo infinito. O que é infinito encontra-se em potência. Não é possível que uma coisa em ato seja infinita. Não é possível haver um tempo em ato. O corpo, o movimento e o tempo não precedem um ao outro quanto à existência, estão juntos na existência (existem conjuntamente). Não há agente para o Agente. Então, o Agente não é múltiplo, é Uno, que Seja Exaltado Imensamente. Não se assemelha às suas criaturas porque nestas existe a multiplicidade, Ele é o Criador e eles são criados, Ele é perpétuo e eles não, pois, o que se move muda e o que muda não é perpétuo. Epístola sobre a quiddidade do que não é possível que seja infinito e sobre o que chamamos de infinito. Aqui Al-Kindî se utiliza dos mesmos argumentos da epístola anterior.

*Epístola explicando a finitude do corpo do mundo.* Por “grandeza”, afirma, queremos dizer uma das três coisas seguintes: ou é uma coisa que tem apenas um comprimento, me refiro à linha, ou é uma coisa que somente tem comprimento e largura, me refiro à superfície, ou é uma coisa que tem comprimento, largura e profundidade, me refiro ao volume. E digo também: queremos dizer com “grandezas homogêneas” as grandezas que são todas linhas ou todas superfícies ou são todas volumes. Não é possível que um corpo seja infinito. Se for possível haver um corpo infinito, então é possível estimar a partir dele um corpo de figura limitada, finito, tal como a esfera ou o cubo. Se for um corpo infinito e imaginar-se a partir dele um corpo limitado, se isolarmos dele este corpo limitado, aquele, ou será finito ou será infinito. Se for finito, então a soma dos dois corpos é finita, porque a soma de vários corpos finitos resulta em um corpo finito, disto resulta que é necessário, então, que o que é infinito seja finito, e isto é uma contradição. Se for infinito, mesmo isolando dele o corpo limitado, se lhe for acrescentado um corpo infinito, o corpo retorna ao seu primeiro estado. Dois corpos onde um se une ao outro são maiores que cada um isoladamente e os dois corpos somados são infinitos. Então, o que é infinito será maior do que é infinito. Não é possível que um infinito seja maior que um outro corpo infinito. Duas grandezas homogêneas não podem ser uma maior que a outra, são iguais. Não é possível haver um corpo infinito, então, não é possível que o corpo do universo seja infinito, é finito.

*Epístola de al-Kindî sobre o agente verdadeiro primeiro e perfeito e sobre o agente imperfeito que é por extensão.* – O Agente verdadeiro é o Criador, Agente do universo. Todas as criaturas são chamados agentes por extensão, não são agentes verdadeiros, são todos verdadeiros passivos. Os primeiros agentes por extensão são a partir de seu Criador, posteriormente são uns a partir de outros até o último agente por extensão. O Criador é a causa primeira de todos e da prostração do corpo extremo e sua obediência a Deus –Al-Kindî faz uma referência ao versículo 6, surata 55 do Alcorão “As Estrelas e as Árvores se Prostram” – Explica o sentido da

palavra prostração do ponto de vista linguístico. As estrelas e as árvores se prostram significa, segundo ele, que são obedientes a Deus de modo contínuo enquanto que a prostração de um muçulmano no ritual da oração é uma prostração que envolve órgãos do corpo e esta prostração não é contínua. A obediência também é dita no sentido de transformação do imperfeito para o perfeito Na língua árabe diz-se também obediência no sentido de ter um fundamento último (no sentido de acabar em) na ordem do ordenador que não tem imperfeição nem mudança da imperfeição para a perfeição. Quanto ao corpo mais elevado neste mundo junto com seus indivíduos: ele é vivo distinto. A esfera celeste é um corpo, sendo corpo, ou é um corpo morto ou é um corpo vivo. Ela é causa agente próxima para cada ente vivo corruptível, o ente vivo corruptível é um corpo que se move. A esfera celeste é a causa próxima para a vida do corpo vivo, a vida no corpo vivo engendrado é uma forma para o corpo vivo engendrado que a esfera celeste lhe imprimiu.

Dr. Jamil Ibrahim ISKANDAR  
Professor de Filosofia na Pontifícia  
Universidade Católica do Paraná, Curitiba – Brasil.

FORMENT. Eudaldo, *Id a Tomás. Principios fundamentales del pensamiento de Santo Tomás*, Fundación Gratis Date, Pamplona 1998, 183 pp.

El profesor Forment, uno de los más prestigiosos tomistas españoles, discípulo de F. Canals y Director ejecutivo de la Sociedad Internacional Tomás de Aquino (SITA), ha publicado un libro básico sobre la filosofía de Sto. Tomás.

En su primera parte nos expone cuáles han sido las declaraciones históricas del Magisterio de la Iglesia sobre el tomismo, además de la opinión de destacados teólogos y filósofos de los últimos siglos. La conclusión de este balance es la actualidad perenne de la filosofía del aquinate.

El autor subraya el enorme prestigio de la filosofía de Sto. Tomás durante toda la historia de la filosofía. La causa del posible olvido de su pensamiento en la actualidad se debe -en su opinión- a un sentimiento de revanchismo que lleva a los filósofos a castigar a los que en otra hora fueron alabados.

Compuesto por treinta capítulos breves, el libro hace un repaso de toda su doctrina, comenzando por la parte metafísica y acabando con la antropológica. Las citas de Sto. Tomás son numerosas y escuetas, lo que favorece su ágil lectura. El libro es una buena introducción para quien desee adentrarse en una de las filosofías más originales y profundas de la historia. Además, añade un interesante estudio de la situación presente del tomismo, especialmente en España. Este estudio da motivos de sobradas esperanzas para el futuro de la reflexión tomista.

JUAN ANTONIO MORENO

RAÑA DAFONTE, César, *Salisbury* (1110/20-1180), Madrid, Ediciones del Orto (BF 104), 1999, 94 pp.

Es la segunda monografía que el profesor César Raña publica en las Ediciones del Orto. El año pasado fue *Pedro Abelardo*, y ahora *Juan de Salisbury*, dos autores importantes de la filosofía medieval cristiana. La experiencia de tantos años de dedicación a la enseñanza del pensamiento medieval en la universidad compostelana lo percibe inmediatamente el lector, pues expone con soltura y rigor, dentro de los límites de espacio de esta Colección, los conceptos fundamentales de la filosofía del "saresberriense", como gusta de repetir Raña. La obra está dividida en dos partes: una expositiva y otra de textos. En la primera expone César Raña el horizonte intelectual del siglo XII, y la importancia de la Escuela de Chartres, a la que pudo asistir Salisbury. Este sacerdote secular vivió dedicado a la tarea diplomática y administrativa de la Iglesia, lo cual no le impidió sacar tiempo para escribir, sobresaliendo estas dos obras: *Policraticus* y *Metalogicon*. La primera de estas obras rezuma humanismo. Todos los autores clásicos de la antigüedad aparecen repetidamente en sus páginas.